

Área ambiental, projeta Carlos Nobre

Perfil



FOTOS: FÁBOLA CORREIA/JC

Carlos Afonso Nobre nasceu na cidade de São Paulo em 27 de março de 1951. Graduiu-se em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica em 1974. No seguinte, mudou-se para Manaus para trabalhar no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Fez o doutorado em Meteorologia no Massachusetts Institute of Technology, onde permaneceu até concluir os estudos em 1982. Foi pesquisador visitante na Universidade de Maryland em 1988, tornando-se um dos pioneiros na análise dos impactos do desmatamento no clima. Coordenou

diversos projetos científicos na Amazônia, como o Experimento Anglo-Brasileiro de Observações do Clima Amazônico de 1990 a 1996, e o Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia de 1993 a 2000. É membro do conselho científico da Secretaria-Geral da ONU, da Academia Brasileira de Ciência e da Academia de Ciências dos Países em Desenvolvimento. Foi eleito membro da Royal Society britânica em maio de 2022. Em 2026, foi nomeado pelo Papa Leão XIV membro do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral.

reativação de minas de carvão que estavam paradas há muito tempo. Isso é um enorme risco, porque, se os Estados Unidos não acelerarem a redução (das emissões de gases do efeito estufa), será muito difícil zerar as emissões no prazo necessário. Além disso, também tem o risco de outros países desacelerarem a transição por causa disso. Então, é um retrocesso gigantesco.

JC - Apesar disso, a União Europeia continua com o plano de transição energética para fontes renováveis. A China também tem investido bastante nisso. A posição dos Estados Unidos ela vai atrasar a transição energética ou pode cancelar esse plano?

Nobre - É difícil prever. Mas sabe uma coisa que eu não esperava na COP30? Foi a posição da China...

JC - Eles decepcionaram ou surpreenderam positivamente?

Nobre - Veja, por coincidência, eu passei oito dias em setembro (de 2025) na China. Fui dar seis palestras lá. Em todas as palestras, eu falava: "Olha, os Estados Unidos estão fora do Acordo de Paris e não vai estar na COP30. Desde 2000, vocês passaram os Estados Unidos nas emissões (de gases do efeito estufa). Mas vocês também são o país que mais tem energia renovável, solar, eólica. Tem mais de 800 mil ônibus elétricos, 140 milhões de motocicletas elétricas. É o país que mais exporta material (para fontes de energia limpa). Ainda assim, vocês são o país que mais emite, 23% a 24% das emissões hoje." Aí eu sugeri: "Cheguem na COP30 e liderem tudo. Vocês serão um grande líder."

JC - E como a sugestão foi recebida?

Nobre - Todo mundo concordou. Aí o que aconteceu na COP30 foi um enorme desapontamento. Todos os países tinham que colocar suas metas voluntárias para redução das emissões. E tinham que colocar, no mínimo, 50% de redução das emissões até 2035 em relação

às emissões de 2019. A União Europeia colocou metas até mais ambiciosas: reduzir 67%. O Brasil colocou a sua em 50%. Mas a China definiu que ela vai reduzir apenas 10% das emissões até 2035. Isso dá uma média de 1% ao ano. E outros países também fizeram isso.

JC - O Brasil sempre teve um papel de liderança nas questões ambientais. Se perdeu um pouco desse protagonismo durante o governo Jair Bolsonaro (PL), porque diversos membros da administração negavam as mudanças climáticas publicamente. Como o senhor enxerga o papel do Brasil hoje no cenário global?

Nobre - O Brasil tem toda a condição de liderar globalmente a busca por soluções na questão das emissões de gases do efeito estufa. O Brasil tem sido, na média, o sexto maior emissor. No Brasil - diferente da China, Europa e Estados Unidos - 70% das emissões são oriundas dos usos da terra. Entre 40% e 45%

vêm do desmatamento, principalmente da Amazônia e do Cerrado. Algo entre 22% e 23%, são emitidos pela agropecuária, principalmente a pecuária. E de 20% a 23%, são emissões dos combustíveis fósseis. Então, é muito importante zerar o desmatamento no Brasil.

JC - Com isso, a gente já reduziria quase metade das emissões de gases do efeito estufa no Brasil...

Nobre - Em 2025, o País teve uma grande redução do desmatamento, quando todos os biomas registraram queda no desmatamento, principalmente os dois mais atingidos: o amazônico e o Cerrado. Além disso, o Brasil tem a meta de zerar o desmatamento até 2030. Então, até 2030, a gente já reduziria até 45% das emissões.

JC - Mas, ao lado disso, o Brasil precisaria tomar outras medidas para zerar as emissões...

Nobre - Lógico, o País também precisa acelerar a transição energética. O Brasil tem toda a condição para isso, porque é um país tropical, tem muito sol. O Nordeste tem uma gigantesca quantidade de energia eólica, do vento. Tem várias formas de energia renovável que vem dos oceanos também. O Brasil tem um enorme potencial para acelerar muito rapidamente a transição energética. Inclusive, lançamos na Academia Brasileira de Ciência, depois relançamos na COP 30, um estudo que mostra como o Brasil pode zerar as emissões de gases do efeito estufa até 2040. Podemos ser um grande líder mundial nesse setor.

JC - Como é a indústria brasileira dos insumos para a transição energética? O País produz, por exemplo, os painéis fotovoltaicos e outras tecnologias para as energias limpas?

Nobre - Todos os painéis fotovoltaicos são importados da China, que é o maior produtor. A China, nos últimos anos, fez o custo do painel solar cair bastante. Um país desenvolvido é um país industrializado. Acredito que o Brasil tem que buscar fazer negociações com a China. Por exemplo, tem um bom exemplo dos carros elétricos dessa empresa chinesa BYD, que é a maior produtora de carros elétricos. Inclusive, ela tem um acordo com o Brasil para produzir os veículos na Bahia, onde a planta já está montando um grande número de carros elétricos em território brasileiro. Julgo que o Brasil deve buscar esse tipo de parcerias e trazer para cá as empresas de painéis solares.

JC - Essa indústria de materiais para as fontes de energia renováveis pode garantir viabilidade econômica para a transição energética?

Nobre - Hoje, o custo da energia renovável eólica e solar caiu tanto que, aqui no Brasil, elas custam um terço e um quarto da geração em termelétricas e gás natural (respectivamente). Isso traz uma enorme economia ao País, porque a energia é importante em todos os setores. Então, isso melhora demais a economia do País. Isso é importantíssimo. Mas tem uma coisa que me chama atenção, que é o impacto na saúde...

JC - Muitas pessoas não percebem isso claramente...

Nobre - As pessoas não prestam atenção nisso. Veja, a maior fonte de emissões globais no mundo vem da queima de combustíveis fósseis. Petróleo, carvão, diesel e outros geram micropartículas, sulfatos (na atmosfera). Essa é a maior fonte de poluição urbana do mundo. E a poluição urbana leva à morte 7 milhões de pessoas por ano. Além disso, reduz de dois a quatro anos a expectativa de vida das populações das cidades. Então, além de combater a emergência climática, hoje as energias renováveis salvam milhões de vidas ao melhorar a qualidade do ar. E são economicamente mais baratas.

JC - O senhor foi nomeado como um dos conselheiros do Papa Leão XIV para assuntos ambientais. Como recebeu a notícia?

Nobre - Foi uma surpresa. No dia 30 de março, o setor de comunicações (da Igreja Católica) entrou em contato comigo pelo WhatsApp, para avisar que o Papa tinha criado esse novo conselho para discutir o desenvolvimento humano. Constavam 11 nomes e o meu nome estava lá. Sou o único cientista ambiental da Amazônia. Alguém me falou que o Vaticano me escolheu, porque, em 2019, eu fui pro Sínodo da Amazônia, que foi um belíssimo projeto do Papa Francisco. Estive lá durante três dias maravilhosos, participando de uma discussão muito boa. Em 2018, o Papa Francisco esteve na Amazônia e no Peru, onde se reuniu com um gigantesco número de líderes, povos indígenas. Na ocasião, levei ao Papa Francisco a urgência de salvar a Amazônia. Agora vou levar ao Papa Leão os temas relacionados à Amazônia e aos biomas brasileiros e, claro, o combate à emergência climática.